



Na paisagem, meu corpo receptáculo de experiências – Vestimenta.

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

A991n Azambuja, Flávia Leite

Na paisagem, meu corpo receptáculo de experiências :
vestimenta / Flávia Leite Azambuja ; Eduarda Azevedo
Gonçalves, orientadora ; Claudia Teixeira Paim,
coorientadora. — Pelotas, 2017.
78 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação
em Artes Visuais, Centro de Artes, Universidade Federal de
Pelotas, 2017.

1. Percursos. 2. Corpo. 3. Vestimenta. 4. Paisagem. 5.
Experiências. I. Gonçalves, Eduarda Azevedo, orient. II.
Paim, Claudia Teixeira, coorient. III. Título.

CDD : 700

Infinito Particular

Eis o melhor e o pior de mim
O meu termômetro o meu quilate
Vem, cara, me retrate
Não é impossível
Eu não sou difícil de ler
Faça sua parte
Eu sou daqui eu não sou de Marte
Vem, cara, me repara
Não vê, tá na cara, sou porta bandeira de mim

Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular
Em alguns instantes
Sou pequenina e também gigante
Vem, cara, se declara
O mundo é portátil
Pra quem não tem nada a esconder
Olha minha cara
É só mistério, não tem segredo
Vem cá, não tenha medo

A água é potável
Daqui você pode beber

Só não se perca ao entrar
No meu infinito particular

Compositora – Marisa Monte

Intérprete – Marisa Monte

Flávia Leite Azambuja

Na paisagem, meu corpo receptáculo de experiências – Vestimenta.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

Orientadora:

Prof^a. Dr^a. EDUARDA GONÇALVES

Co-orientadora:

Prof^a. Dr^a. CLAUDIA PAIM

PELOTAS, 2017

Flávia Leite Azambuja

Na paisagem, meu corpo receptáculo de experiências – Vestimenta.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Artes Visuais.

BANCA EXAMINADORA:

Prof.ª Dr.ª CLAUDIA ZANATTA *(Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS)*

Prof.ª Dr.ª NÁDIA DA CRUZ SENNA *(Universidade Federal de Pelotas – UFPel)*

Prof. Dr. CLÁUDIO TAROUCO *(Universidade Federal de Pelotas – UFPel)*

Pelotas, 2017

A arte é invenção, experimentação...

Quem faz arte, faz sonho, inventa realidades que deseja habitar.

Deseja um mundo onde poucos cabem e que quase ninguém compreende.

Pesquisar é estar só, imersa num mar de eu, onde o outro pode ser espinho.

Onde o outro não sou eu.

SUMÁRIO

ÍNDICE DE FIGURAS	8
INTRODUÇÃO	10
1. PERCURSO NA PAISAGEM	14
2. CRIAÇÃO E CONSTRUÇÃO DA VESTIMENTA	21
3. EXPERIÊNCIA I – VESTIMENTA {PAISAGEM}	31
4. EXPERIÊNCIA II – VESTIMENTA {PAISAGEM/CORPO}	43
5. EXPERIÊNCIA III – VESTIMENTA {PAISAGEM/CORPO/VESTIMENTA}	53
CONSIDERAÇÕES {PERCURSOS/CORPOS/PELES/VESTIMENTA/ ABRIGOS/ HABITAÇÃO/PAISAGENS}	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	75

RESUMO

Os percursos em meio às paisagens do interior do sul do Rio Grande do Sul exigiram de mim uma consciência corpórea, atenção a todos os sentidos e aos acontecimentos envolvendo meu corpo, o percurso e a paisagem. Em um percurso especial ocorrido entre Barra de Valizas e Cabo Polônio – UY, comecei a refletir sobre o que carregava sobre meu corpo e em minha mochila durante o percurso à pé sobre dunas enormes. Também refleti sobre a necessidade e essencialidade do que carregamos, seja na mochila ou na vida como um todo. Frente a estas reflexões, idealizei e construí uma vestimenta para percursos em meio a paisagem, de modo pragmático a vestimenta transita entre saia e barraca devido as suas proporções. Com a vestimenta obtive até o momento três experiências, são elas: *Experiência I – Vestimenta*, onde busquei imergir o corpo na vestimenta e ambos em meio a paisagem; *Experiência II – Vestimenta*, almejei a interação de meu corpo com o corpo da vestimenta e o corpo, relevo, duna, a formar um só corpo com a paisagem; *Experiência III – Vestimenta*, procurei demonstrar o trânsito de meu corpo em uma imersão/emersão a fim de declarar minha habitação no lugar escolhido, na paisagem desejada. As experiências são complementares, desdobram-se numa soma de elementos, conceitos, acontecimentos... Desenrolam-se formando novas paisagens que envolvem meu corpo envolvido pela vestimenta e nossas experiências.

Palavras chave: percursos; corpo; vestimenta; paisagem; experiências;

SUMMARY

The paths through the interior landscapes of southern Rio Grande do Sul demanded of me a bodily awareness, attention to all the senses and events involving my body, course and landscape. On a special course that took place between Barra de Valizas and Cabo Polônio - UY, I began to reflect on what I carried on my body and in my backpack while walking on huge dunes. I also reflected on the necessity and essentiality of what we carry, whether in the backpack or in life as a whole. Faced with these reflections, I idealized and built a dress for routes in the middle of the landscape, in a pragmatic way the dress transits between skirt and tent due to its proportions. With the dress I have obtained up to the moment three experiences, they are: Experiment I - Vestiment, where I tried to immerse the body in the dress and both in the middle of the landscape; Experience II - Attire, I sought the interaction of my body with the body of clothing and body, relief, dune, forming a single body with the landscape; Experience III - Attire, I tried to demonstrate the transit of my body in an immersion / emersion in order to declare my dwelling in the chosen place, in the desired landscape. The experiences are complementary, they unfold in a sum of elements, concepts, events ... They unfold themselves forming new landscapes that involve my body surrounded by the dress and our experiences.

Keywords: pathways; body; Clothing; landscape; experiences;

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1	Mapa do percurso entre Barra de Valizas e Cabo Polônio.	P. 18
Figura 2	Projeto da vestimenta	P. 27
Figura 3	Projeto da vestimenta	P. 27
Figura 4	Elaine Tedesco, série “Entre o repouso e o isolamento”.	P.29
Figura 5	Elaine Tedesco, série “Entre o repouso e o isolamento”.	P. 29
Figura 6	Flávia Leite, “Experiência I- Vestimenta”.	P. 32
Figura 7	Eduarda Gonçalves “cartão de vista mirante [frestas de arruar]”.	P. 37
Figura 8	Claudia Paim , Corpopaisagem.	P. 40
Figura 9	Flávia Leite “Experiência II – Vestimenta”.	P. 44
Figura 10	Artur Barrio, Uma observação, 6 aproximações, 1 recuo , 1975	P. 51
Figura 12	Flávia Leite, “Experiência III - Vestimenta”.	P. 54
Figura 13	Flávia Leite, Fragmento da série fotográfica “Experiência III - Vestimenta”	P.57

Figura 14	Registro fotográfico de Tôni Rabello da “ <i>Experiência III – Vestimenta</i> ”, na galeria A Sala.	P.59
Figura 15	Romero Cavalcanti veste P32 Parangolé Capa 25 em Nova York	P. 61
Figura 16	Projeto do New Look de Flávio de Carvalho	P. 63
Figura 17	Flávio de Carvalho com New Look	P. 63
Figura 18	Flávia abrigada	P.66

INTRODUÇÃO

O presente texto intitulado “Na paisagem, meu corpo receptáculo de experiências – vestimenta” trata de questões, como: percursos na paisagem, corpo e vestimenta, que são por mim salientadas na pesquisa poética, na linha de Processos de Criação e Poéticas do Cotidiano no Programa de Pós-graduação (Mestrado) em Artes Visuais na Universidade Federal de Pelotas (UFPel), sob a orientação da professora Dr.^a Eduarda Azevedo Gonçalves, vinculada ao programa de Pós-graduação anteriormente citado, e co-orientada pela professora Dr.^a Claudia Teixeira Paim, vinculada à Universidade Federal do Rio Grande (FURG).

Inicialmente, o projeto tinha como objetivo o aprofundamento dos estudos sobre concepções e utilizações da paisagem na arte contemporânea, investigando relações entre artista e as influências que o entorno poderiam exercer sobre ele, percebendo a paisagem como um material, um conceito e/ou componente de trabalho. Os assuntos antes citados podem ser encontrados na monografia intitulada “Percursos Poéticos: Relações entre produções artísticas contemporâneas e Rio Grande do Sul”, onde pesquisei a paisagem como um elemento compositivo, uma alavanca de produção de alguns artistas gaúchos e as concepções da paisagem na arte contemporânea produzida no sul do estado. Investiguei relações entre a produção de alguns artistas e as possíveis influências que o entorno pudessem exercer sobre o mesmo, percebendo a paisagem como um material, um elemento, um conceito, um componente de um trabalho artístico e poético.

Nessa pesquisa utilizo como metodologia, as noções de pesquisa em poéticas visuais da artista e pesquisadora Sandra Rey (1996), onde o artista-pesquisador “orienta sua pesquisa a partir do trabalho prático, assim como as questões teóricas e poéticas, suscitadas pela sua prática” (REY,1996, p.82). Nesse sentido, o

percurso foi a ferramenta metodológica e um dos temas que compôs meu processo de criação e poética, pois percorro a paisagem da região sul do Rio Grande do Sul, por vezes com a finalidade de retornar ao lugar escolhido, propondo ações ou o que poderíamos entender como multiplicação de experiências poéticas junto às paisagens mais esvaziadas.

Os trabalhos apresentados partem da minha pesquisa e produção poética sobre questões provenientes da paisagem sulina, do corpo e da vestimenta. Com eles busco compartilhar experiências a partir das que obtive e, com isso, multiplicar as vivências e poéticas no cotidiano. Assim, almejei produzir trabalhos artísticos e poéticos nos quais a arte oportunize uma experiência que desencadeie reflexões que partam de sensações corpóreas, onde o corpo humano possa ser um receptáculo de conhecimento gerado a partir de relações dele com a paisagem do entorno.

Com o ingresso no mestrado, começo a olhar minha produção de forma mais crítica e aprofundada. Passo a observá-la de perspectivas antes não evidenciadas. Essa pesquisa e produção artística teve seu início com um percurso, relato e reflexões em torno do que disserto a partir do primeiro capítulo e que se reflete nos capítulos que se seguem:

No primeiro capítulo intitulado “**Percurso na paisagem**”, trato do percurso compreendido entre Barra de Valizas – Cabo Polônio – UY, identificando-o como alavanca poética para novos percursos, reflexões, experimentações, proposições, ocupações, construções, habitações... No percurso anteriormente citado, foram avistadas muitas paisagens que possuem semelhanças com as paisagens escolhidas em Rio Grande, que se situa no sul do Rio Grande do Sul. Essas paisagens foram eleitas para que nela se pudesse ter e fazer uma experiência, que é algo que envolve o corpo e sua disponibilidade corpórea e comportamental, em dada situação, circundado

por um lugar, elementos e paisagem. Para promover a discussão sobre os assuntos antes citados, utilizo os escritores: Antoine Saint Exupery, Jean Lancry e Francesco Careri.

No segundo capítulo, **“Criação e construção da vestimenta”**, refleti sobre as questões que envolvem a criação, utilização e identificação com determinadas cores e vestes. Então, começo a imaginar e criar uma vestimenta para uso exclusivo de determinados percursos na paisagem. A vestimenta foi materializada através da utilização de tecidos e linhas costurada por mim, conforme as minhas medidas. A construção se deu na ideia de que a “vestimenta” fosse uma hibridização, intersecção entre a roupa e a casa como uma barraca. Cogitando que a barraca seja um entremeio de roupa e casa, reflito sobre como gostaria de que ela fosse. Referente aos assuntos antes citados, reflito sobre escritos e produções artísticas de Friedensreich Hundertwasser, Elaine Tedesco, Zé Katimba e Adriana Calcanhotto.

O terceiro capítulo, **“Experiência I - Vestimenta {Paisagem}”**, trato do primeiro contato com o lugar e com a vestimenta sobre o corpo, na intenção de experimentar o corpo, chegando ao lugar, escolhendo-o, reconhecendo-o, buscando habitá-lo, utilizando a vestimenta como uma meio de estar presente, ocupando e transformando a paisagem. Como referências para circundar conceitos e acontecimentos entorno da paisagem, utilizo Anne Cauquelin, Valéria Salgueiro, Eduarda Gonçalves, Claudia Paim e, para tratar da experiência, utilizo Jorge Larossa.

O quarto capítulo, **“Experiência II - Vestimenta {Paisagem/Corpo}”**, relaciona os temas paisagem e corpo, em uma movimentação em busca por formas no espaço, utilizando meu corpo e vestimenta, criando novas paisagens. Há também o desejo pela intensificação das sensações corpóreas por meio da utilização da vestimenta e da escolha da beira da praia como um lugar de natureza abundante. O envolvimento do corpo na pesquisa é evidenciado no uso de teóricos como: Viviane Matesco, Morin, Duarte Jr., Merleu-Ponty, Ricardo Basbaum e

artistas como Arthur Barrio, no qual se identifica que a produção de arte envolve um contexto, um corpo e uma paisagem ou lugar em que este se encontra e busca discutir ou evidenciar.

No quinto capítulo, “**Experiência III - Vestimenta {Paisagem/Corpo/Vestimenta}**”, reflito sobre a união da paisagem, do corpo e da vestimenta, de modo que todos estejam contemplados na “Experiência III - Vestimenta”. As experimentações do corpo na paisagem e a incorporação da vestimenta como elemento de interface e relação do corpo com a paisagem natural se faz importante na busca de construir novas paisagens, utilizando a fotografia e a união do corpo/paisagem/vestimenta. Como referências nesse estudo, pesquisei os artistas Hundertwasser, já citado anteriormente, Hélio Oiticica e Flávio de Carvalho.

Todos os capítulos aqui citados tratam das questões que envolvem a paisagem, o corpo e a vestimenta, em um movimento crescente de união e complementariedade, pois meus percursos em meio a paisagens sulinas fizeram-me atentar às sensações e percepções. Portanto, julguei necessário criar uma vestimenta para uso e habitação de lugares escolhidos, criando, assim, experiências corpóreas e fotografias onde estão novas paisagens que incluem meu corpo e a vestimenta.

1. Percurso na paisagem

“Um céu puro como água banhada e revelava as estrêlas. Depois, a noite. À luz da lua, o Saara desdobra-se, duna por duna. Sobre nossas cabeças, uma luminosidade de lâmpada que não destacava os objetos, mas os compunha, e que nutria cada coisa de uma substância vaga. Sob nossos passos ensurdecidos, uma areia espessa, como matéria de luxo. Caminhávamos de cabeça, livres do peso do sol. A noite: esta morada...”

Antoine de Saint-Exupéry, Correio Sul, Difusão Européia do Livro, São Paulo 1958

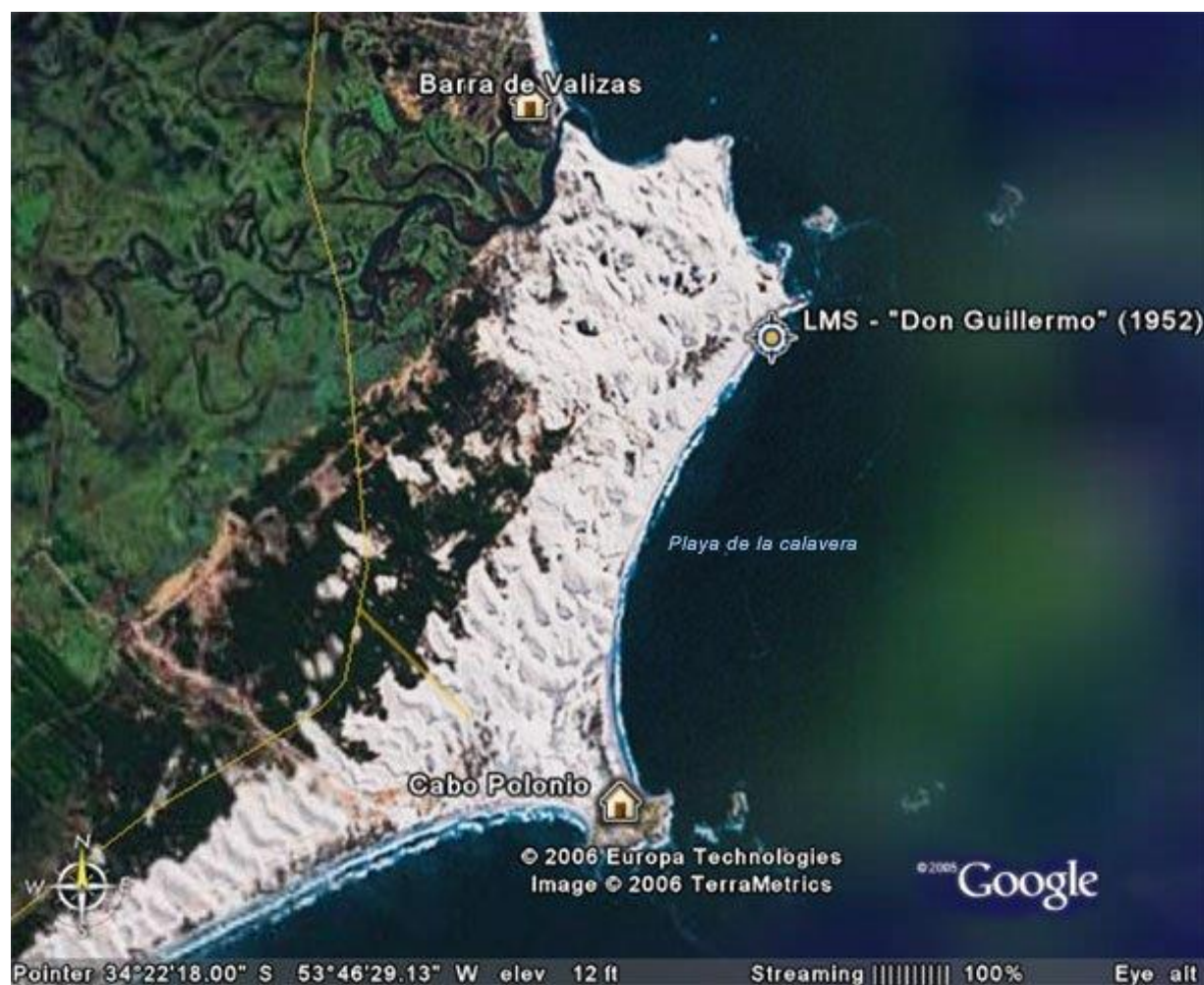
No dia cinco de janeiro de 2015, saímos de Barra de Valizas em direção a Cabo Polônio, quando o sol se punha e a lua erguia-se. Tomamos um barco que navegou pelo Rio Valizas até os pés de uma gigante duna, composta por várias outras. Subimos as dunas na intenção de encontrarmos uma rocha que era nosso primeiro ponto de referência no percurso. Nunca havia visto duna tão grande, ora subíamos, ora descíamos, o objetivo era seu topo, mas o solo de areia fofa engolia nossos pés. Entre subidas e descidas, é comum se perder entre as dunas, se for este o caso, considere-se perdido e aguarde que um grupo de pessoas que peregrinam te encontre. Quando chegamos ao topo, cansada e aliviada, sentei-me, havia céu, solo e um infinito, alguns elementos iluminados pela lua cheia que se erguia iluminando a base da rocha e o sol punha-se, iluminando o topo dela.

Extasiada com a beleza da natureza, peguei a mochila para seguirmos caminho, agora de descida e em direção ao mar. Quando chegamos ao solo úmido da praia, podíamos avistar o farol que parecia menor que um palito de fósforo. Alegrei-me em saber que o caminho estava certo, mas tomei consciência de que tínhamos que andar muito. Conversas, relato de histórias, intercalavam-se a silêncios e observações a respeito do lugar. Em uma segunda parada, comemos frutas, esticamos as pernas, recuperarmos o fôlego e continuamos em direção ao farol. O farol ia crescendo conforme caminhávamos e nossos olhos fugiam de sua hipnose para admirar a natureza do mundo enquanto os nossos corpos moviam-se no espaço, nas formas e nas luzes.

Enfim, chegamos ao lugar, luzes de velas iluminavam a rua, comemos em um bar e retornamos à praia para montar acampamento. Ao acordarmos, caminhamos pelo lugar a fim de conhecê-lo, comemos tartas, subimos 362 degraus no farol de Cabo Polônio, a construção estreita em espiral era sufocante, já na chegada em topo éramos surpreendidos por uma espantosa ventania de beira de praia agravada pela altura do farol. No retorno pegamos os caminhões 4x4, tipo os que fazem safári para sair do parque. Depois, pegamos caronas que nos levaram de volta a Barra de Valizas.

O relato anterior refere-se a uma partícula do percurso realizado por pessoas dispostas a conviver com a natureza, com outras pessoas e com suas ideias, concepções e posicionamentos, pois tivemos que nos relacionar com o ambiente, os animais, as condições climáticas e a distância a ser percorrida, dependendo unicamente do nosso corpo e também dos corpos do grupo. Exercitamos nossa convivência social da forma mais carinhosa e atenciosa uns com os outros para preservar nossas ecologias mentais. O percurso foi realizado em janeiro de 2015 quando parti junto com o artista visual Tôni Rabello ao encontro de pessoas queridas em Barra de Valizas – Uruguai, com o objetivo de conhecer Cabo Polônio. Para conhecer o Parque Nacional de Cabo Polônio podemos ir de carro de passeio até um trecho da estrada e depois com carros de tração 4x4 que nos levam ao interior do parque. Entretanto, decidimos caminhar em média 12km pela costa, sobre dunas enormes, areia fofa e um intenso luar. No mapa a seguir podemos observar a distância e a imensa faixa de areia que vai de uma cidade a outra.

FIGURA: 01. MAPA DO PERCURSO ENTRE BARRA DE VALIZAS E CABO POLÔNIO.



FONTE: GOOGLE

O registro material que guardo desse percurso é o relato anteriormente citado. A necessidade de carregar os utensílios junto ao corpo fez-me refletir sobre o que e como carregar o que julgamos importante e necessário. Posteriormente, busquei produzir algo que eu pudesse levar comigo e que ao mesmo tempo pudesse trazer o que me afetou no caminho. Destaco o percurso entre Barra de Valizas e Cabo Polônio por perceber nele a possibilidade de alavanca, para pensar em novos trabalhos, para que eu crescesse enquanto ser e que quisesse compartilhar minhas experiências com outras pessoas, para que pensasse na minha condição de caminhante e nas coisas que carregava comigo, assim como, para pensar sobre o território percorrido, no corpo que o percorreu e possibilidade de poetização do percurso e do processo de criação. Quanto aos objetos, carregava uma mochila com poucas roupas e utensílios de *camping*. Refletindo sobre o percurso, faço relações entre o texto: *Sobre como a noite trabalha em estrela e por quê*, de Jean Lancri (2005), com o início do percurso realizado entre Barra de Valizas e Cabo Polônio – Uruguai, em relação às questões como:

imerso na sua noite, como trabalha o pesquisador em artes visuais? Como ele trabalha na noite para ir em direção ao dia, para fazer avançar em direção daquilo que procura se fazer dia nele? Mais precisamente ainda, como ele trabalha a noite, assim como outros trabalham o mármore ou a madeira? E como essa noite aí, em retorno o trabalha? (Lancri, 2015 p.100)

O autor Lancri refere-se a imersão do artista em lugares que ele desconhece, por este motivo busca sua luz, para ver o que neste lugar esta contemplado, imerso na pesquisa o artista busca pela clareza. Fazendo uma imersão com o corpo e com os sentidos, em um misterioso universo noturno onde todas as percepções são aguçadas e todos os sentidos estão elevados em sua potência. Nesse sentido, caminhar longas distâncias durante a noite é, para mim, pouco comum, porque, quando estamos imersos na noite, as coisas mudam de forma, de espacialidade, percebemos o ambiente circundante de forma diferente, se olhamos de dia ou à noite, assim como a criança que durante o dia brinca em seu quarto e à noite teme pelo monstro que possa existir embaixo de sua

cama. O escuro carrega a incerteza do que vemos ou do que supomos ou imaginamos existir onde não enxergamos tão bem. É como a árvore que de dia nos cobre do sol com seus galhos e folhagens e à noite nos ameaça com seus braços e garras prestes a nos atacar.

A caminhada extensa também fez-me rememorar Walkscapes, de Francesco Careri, e sua proposta de caminhar como prática estética. Destaco essas caminhadas e interações com a natureza como possíveis alavancas para criações, proposições, ações, intervenções e poetizações de experiências que têm a potência de conectar nosso interior ao exterior.

O ato de atravessar o espaço nasce da necessidade natural de mover-se para encontrar alimento e as informações necessárias para a própria sobrevivência. Mas, uma vez satisfeitas as exigências primárias, caminhar transformou-se numa fórmula simbólica que tem permitido que o homem habite o mundo. Modificando os significados do espaço atravessado (...) O caminhar é uma arte que traz em seu seio o menir, a escultura, a arquitetura e a paisagem. (CARERI, 2002, P.27/28)

Além da caminhada como poética e processo de criação, a vivência e a transmutação da experiência à materialização em palavras é um tanto dura e possivelmente hajam perdas nesse percurso. Desejo que todas as vivências nos proporcionem grandes experiências, que se fixem em nosso corpo, já que o caminhar também traz em seu seio o menir, a escultura, a arquitetura, a paisagem e o corpo com suas potências e percepções, sensações e poesias.

2. Criação e construção Vestimenta

Tenho cogitado diálogos entre a natureza e o homem. A falha e a dificuldade humana de percepção faz com que a ação/diálogo se perca...

No último final de semana, dia 25 ou 26, estendia roupas no varal, depois estendi toalhas e lençóis. Quando pendurava um dos lençóis, uma rajada de vento aproximou-se, abrindo-o. Imediatamente tive a sensação de que o vento conversava comigo, na intenção de me fazer lembrar as cabanas de lençol ou as “bacanas” (brincadeira, hábito de criança de trocar as sílabas), eram montadas na minha infância com os lençóis que iam para o cesto de roupa suja. As cabanas eram bacanas, planejadas por mim, com dimensões variáveis, mas que se destinavam a ocupação de um corpo pequeno, composta pela escala da infância, onde só cabem coisas legais. Mas onde, primeiramente, cabia meu corpo e minhas ideias, meus anseios, desejos, viagens, imaginações, uns poucos móveis ressignificados, conforme as necessidades de quem vive na Bacana.

27/04/2015



Eu quero me esconder debaixo
Dessa sua saia pra fugir do mundo
Pretendo também me embrenhar
No emaranhado desses seus cabelos

Preciso transfundir teu sangue
Pro meu coração, que é tão vagabundo
Me deixe te trazer num dengo
Pra num cafuné fazer os meus apelos!
Me deixe te trazer num dengo
Pra num cafuné fazer os meus apelos!

Eu quero ser exorcizado
Pela água benta desse olhar infindo
Que bom é ser fotografado
Mas pelas retinas dos seus olhos lindos Me deixe hipnotizado pra
acabar de vez
Com essa disritmia
Vem logo, vem curar teu nego
Que chegou de porre lá da boemia
Vem logo, vem curar
Vem curar teu nego que chegou
Que chegou de porre lá da bo, lá da boemia
Vem logo! Vem curar teu nego
Que chegou de porre lá da bo... lá da boemia
Vem logo, vem curar
Vem curar teu nego que chegou
Que chegou de porre lá da boemia

Eu quero ser exorcizado
Pela água benta desse olhar infindo
Que bom é ser fotografado
Mas pelas retinas dos seus olhos lindos
Me deixe hipnotizado pra acabar de vez
Com essa disritmia

Vem logo, vem curar teu nego
Que chegou de porre lá da boemia
Vem logo, vem curar
Vem curar teu nego que chegou
Que chegou de porre lá da bo, lá da boemia
Vem logo! Vem curar teu nego
Que chegou de porre lá da bo... lá da boemia
Vem logo, vem curar
Vem curar teu nego que chegou
Que chegou de porre lá da boemia

Me deixe hipnotizado pra acabar de vez
Com essa disritmia
Me deixe hipnotizado pra acabar de vez
Com essa disritmia
Me deixe hipnotizado pra acabar de vez!

Compositor - Zé Katimba;

Intérprete - Ney Matogrosso

Olhando o vento falar comigo por entre lençóis, fez-me lembrar da infância e das construções denominadas “bacanas”, junto a isso inúmeros conhecimentos atuais foram somando-se, inclusive a música anteriormente citada em especial sua primeira estrofe, onde diz: “Eu quero me esconder debaixo / Dessa sua saia pra fugir do mundo / Pretendo também me embrenhar / No emaranhado desses seus cabelos”. Essas memórias dispararam em mim o desejo de construir um abrigo, um esconderijo para fugir do mundo, um lugar para mim. Também lembrava da caminhada relatada anteriormente em *Percurso na Paisagem* e com tantas outras referências em mente, refletia sobre as coisas carregadas na mochila durante percurso, sobre os lençóis que me possibilitavam a construção de tendas e “bacanas” e sobre a roupa que me protege e abriga quando carregada sobre o corpo, então me dediquei à elaboração de uma vestimenta. Nomeio de vestimenta e não de roupa, por perceber na segunda um uso corriqueiro, já a primeira, elaborei-a para determinadas situações que envolvem percursos em meio a paisagens e utilização em ações artísticas, em situações, a mesma assemelha-se a “bacana” citada anteriormente.

A vestimenta pode ser compreendida como tudo o que serve para cobrir o corpo, por exemplo: um lençol sobre a cama cumpre sua utilidade de cobrir a cama, mas colocado em determinada forma e momento sobre o corpo, este pode ser entendido como uma vestimenta. Nesse caso, além da vestimenta cobrir-me, funcionará como um suporte para as memórias do percurso, visto que não compreendo que a fotografia registre a totalidade dos acontecimentos, pois a mesma fica restrita a imagens e, durante meus percursos, encontro-me de corpo inteiro, com todos os sentidos aflorados. A vestimenta tem 1,5 metros, o que me possibilita amarrá-la em uma árvore e abrigar-me em seu interior; durante a caminhada, seu tamanho fica restrito a metade, por possuir um sistema de sanfona que permite seu uso sobre meu corpo nos percursos. A vestimenta por ser semelhante a uma saia, é fixada na cintura, o que possibilita a quem a utiliza uma experiência com maior sensibilidade ao vento e a sensações semelhantes. Na busca por definições que detalhassem melhor o que é a minha vestimenta, encontro a composição *Esquadros*, de Adriana Calcanhotto e a escuto muitas vezes.



Eu ando pelo mundo prestando atenção
 Em cores que eu não sei o nome
 Cores de Almodóvar
 Cores de Frida Kahlo, cores
 Passeio pelo escuro
 Eu presto muita atenção no que meu irmão ouve
 E como uma segunda pele, um calo, uma casca,
 Uma cápsula protetora
 Ah! Eu quero chegar antes
 Pra sinalizar o estar de cada coisa
 Filtrar seus graus
 Eu ando pelo mundo divertindo gente
 Chorando ao telefone
 E vendo doer a fome nos meninos que têm fome

Pela janela do quarto
 Pela janela do carro
 Pela tela, pela janela
 (quem é ela, quem é ela?)
 Eu vejo tudo enquadrado
 Remoto controle

Eu ando pelo mundo
 E os automóveis correm para quê?
 As crianças correm para onde?
 Transito entre dois lados de um lado
 Eu gosto de opostos
 Exponho o meu modo, me mostro
 Eu canto pra quem?

Pela janela do quarto
 Pela janela do carro
 Pela tela, pela janela
 (quem é ela, quem é ela?)
 Eu vejo tudo enquadrado
 Remoto controle

Eu ando pelo mundo e meus amigos, cadê?
 Minha alegria, meu cansaço?
 Meu amor cadê você?
 Eu acordei
 Não tem ninguém ao lado

Pela janela do quarto
 Pela janela do carro
 Pela tela, pela janela
 (quem é ela, quem é ela?)
 Eu vejo tudo enquadrado
 Remoto controle

Eu ando pelo mundo e meus amigos, cadê?
 Minha alegria, meu cansaço?
 Meu amor cadê você?
 Eu acordei
 Não tem ninguém ao lado

Pela janela do quarto
 Pela janela do carro
 Pela tela, pela janela
 (quem é ela, quem é ela?)
 Eu vejo tudo enquadrado
 Remoto controle

Adriana Calcanhotto

Da composição anteriormente citada, recorto um pedaço que contribui para definir e explicar o que pode ser a vestimenta que foi construída de tecido e pode transmutar, transformar-se em “(...) uma segunda pele / um calo, uma casca, / uma cápsula protetora (...)” A vestimenta talvez possa ser utilizada como um casco que me cobrirá quando eu estiver fora de minha morada convencional.

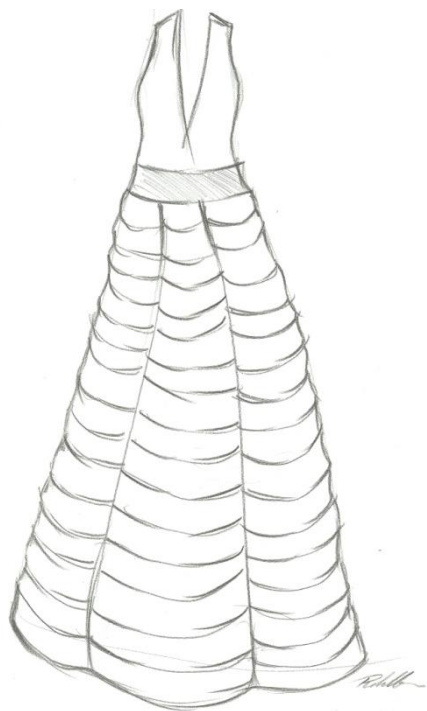
(...) uma segunda pele – o artista Friedensreich Hundertwasser formulou a teoria das “5 peles” que seria uma ideia de composição do ser. Nessa pesquisa são mais evidentes o que o artista detecta como segunda e terceira pele. Sendo que a segunda são nossas roupas, que ele denomina como segunda pele, recobrimo a primeira, que se trata da epiderme. A segunda pele pode ser a nossa interface quando nos relacionamos com o mundo, quando socializamos, a roupa pode identificar nossa classe social, nossa cultura, nossa identidade.

(...) um calo – é uma pele endurecida pelo atrito, fricção. Quando determinada situação já ocorrida, repete-se de forma semelhante, usa-se o termo “calejada”, usa-se também o termo “não pise nos meus calos” para demonstrar que o calo, mesmo sendo composto por uma pele mais endurecida, ainda pode e tem suas sensibilidades. Endurecer e engrossar a pele são mecanismos de proteção do corpo. A vestimenta pode ser alternadamente ou até simultaneamente minha pele dura e sensível. Uma cobertura, uma proteção à flor da pele.

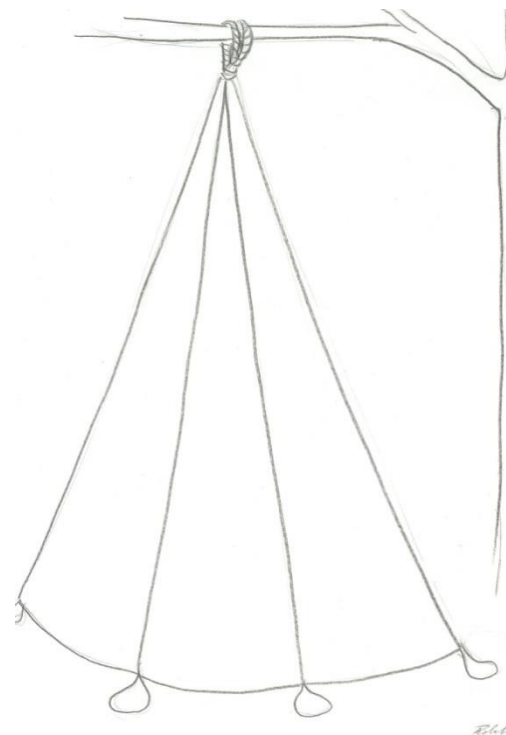
(...) uma casca – é a cobertura de parte ou da totalidade de um corpo, alguns insetos trocam suas cascas (roupas - vestimentas), como as baratas e cobras, por exemplo. A vestimenta poderia ser pensada como uma casca que servirá em meu corpo por determinado tempo e experiências.

(...) uma cápsula protetora – a vestimenta pode ser a cápsula que me envolve, protege-me e alavanca minha criatividade. Não trabalho sobre ela, trabalho com ela e com a paisagem que nos envolve.

FIGURA: 2 E 3. PROJETO DA VESTIMENTA



Vestimenta franzida (1 metro)



Vestimenta esticada (1,5 metros)

FONTE: DESENHOS DE TÔNÍ RABELLO, ACERVO DO AUTOR.

A vestimenta também é compreendida como um receptáculo, um lugar ou objeto onde se recolhe ou guarda alguma coisa, um abrigo, refúgio, esconderijo. Nesse caso, guarda e aciona memórias do caminho, ao mesmo tempo em que guarda e abriga meu corpo. A vestimenta perdeu sua aparência de vestido, assemelhando-se mais a uma saia. Passou por transformações no momento em que saiu do plano das ideias para materializar-se por meio de cortes e costuras realizados por mim. Durante a construção da vestimenta, pesquisei artistas como *Hundertwasser*, que afirma que somos compostos por cinco peles, são elas: Epiderme, O vestuário, A casa do homem, O meio social e a identidade e O meio global - ecologia e humanidade. Suas reflexões ajudaram-me a pensar deslocamentos e ações junto à vestimenta que criei. Cogitei que a vestimenta pudesse ser observada integrando, transitando e transpassando peles, como, por exemplo, a segunda e a terceira pele, pois pode servir de roupa e casa; também pode auxiliar-me na habitação temporária de um espaço, traçando relações mais diretas e íntimas com o lugar. As peles, então, não são barreiras, mas camadas de sobreposição, completude, como interface.

Posso me ver como propositora e perceber a vestimenta como acionadora de vivências e experiências poéticas, ao mesmo tempo em que me relaciono com um conjunto de elementos e atos que me rodeiam na paisagem. Vejo a potência das experiências, quando de volta para casa realizo uma ruminação dos acontecimentos, a reorganização de ideias, acontecimentos, reflexões. Também percebi que, além da importância do percurso, evidencia-se a valor da parada durante este caminho – como um espaço de pausa, de espera, de observação – relação sensível refinada e prolongada pela lentidão.

Referente às pausas e paradas durante os percursos, destaco o trabalho da artista *Elaine Tedesco*, na série *Entre o repouso e o isolamento*, onde a artista produz, refletindo sobre os termos que ela diz serem convergentes, o repouso e o isolamento, sobre a horizontalidade de estar repousando, na maior parte das vezes deitados e sobre o isolamento de morar em grandes centros metropolitanos.

FIGURA: 4 E 5. TRABALHO DE ELAINE TEDESCO, SÉRIE ENTRE O REPOUSO E O ISOLAMENTO.



FONTE: [HTTPS://WWW.LUME.UFRGS.BR](https://www.lume.ufrgs.br)

A artista Elaine Tedesco apresenta o trabalho/objeto e a ação em forma de registro fotográfico, onde, na primeira foto, vemos a artista acompanhada de outra pessoa, utilizando, usufruindo, habitando, experimentando o trabalho construído de pano de modo a rememorar um saco de dormir, com a diferença que este contempla dois corpos, o que nos sugere a busca pelo convívio e compartilhamento do momento, da vivência. Percebo e destaco, nesse trabalho de Elaine Tedesco, o acolhimento e o aconchegar do corpo pelo objeto feito de tecido flexível e de única cor que remete aos tecidos isolantes e térmicos. O espaço onde está colocado o objeto mostrado nas fotos é arenoso e amplo, o que pode sugerir o isolamento colocado pela artista no título da série, atento ao encontro do conforto em elementos fora do ambiente doméstico, mas com características que lembram nossas sensações de bem-estar em seu interior, pois nos sentimos bem recebidos e resguardados.

3. Experiência I - Vestimenta {Paisagem}

“O saber de experiência se dá na relação entre conhecimento e a vida humana.” Jorge Larrosa

FIGURA: 06. “EXPERIÊNCIA I- VESTIMENTA” FLÁVIA LEITE, 2015.,



ACERVO DO AUTOR

A partir das referências, reflexões e com a vestimenta já construída, a primeira experiência com ela foi realizada na praia do Cassino, em Rio Grande/RS na metade do mês de agosto de 2015, intitulada *Experiência I – Vestimenta*. A denominação deu-se pelo fato de vestir, revestir, abrigar, proteger o corpo. A experiência teve seu início com uma caminhada pelas dunas do Cassino, a fim de escolher um lugar que confundisse nossas referências de tamanho e orientação no espaço, experimentando a paisagem como elemento a compor e a alavancar a experiência. Segundo Anne Cauquelin, “É sempre a ideia de paisagem e a de sua construção que dão uma forma, um enquadramento, medidas a nossas percepções – distância, orientação, ponto de vista, situação, escala.” (CAUQUELIN, 2007 P. 10/11). A paisagem escolhida e enquadrada assemelha-se às avistadas no percurso entre Barra de Valizas e Cabo Polônio - UY e relatada em *Percurso na Paisagem*.

Na série fotográfica *Experiência I – Vestimenta*, as imagens foram organizadas lado a lado de modo a mostrar a vagarosidade dos movimentos. Destaco a busca pela imersão nesse espaço, solo, ambiente e vestimenta. Nos registros fotográficos, a imersão na paisagem é evidenciada na integração de corpo que imerge na vestimenta e que parece afundar em meio às dunas. Por meio das fotografias e dos movimentos, busquei que o observador identificasse e, talvez, sentisse a procura pela simbiose de corpo humano, corpo do objeto – vestimenta e o corpo da paisagem, almejando novas experiências. Fazer experiências no sentido que nos propõe Jorge Larossa:

Fazer uma experiência com algo – seja uma coisa, um ser humano, um deus – significa que algo nos acontece, nos alcança; que se apodera de nós, que nos derruba e nos transforma. Quando falamos de “fazer” uma experiência, isto não significa exatamente que nós a façamos acontecer, “fazer” significa aqui: sofrer, padecer, agarrar o que nos alcança receptivamente, aceitar, na medida em que nos submetemos a isso. (LAROSSA, 2016 p. 99).

A experiência teve seu início com a caminhada, posteriormente quando encontrei a vista desejada, despi-me das roupas convencionais e cobri-me com a vestimenta. Deixei meu corpo disposto às sensações do momento, cogitando que isso intensificaria minhas percepções e minha experiência, aceitando e abusando de seus efeitos. Devido as suas proporções e por meio dos movimentos, procurei que a vestimenta transitasse entre saia e cabana. Durante a experiência, almejei habitar o interior da vestimenta, cogitando que fôssemos um só corpo a brincar com as percepções causadas pelo vento e pela areia da beira de praia.

Nos registros, optei por oferecer ao observador uma imagem que contenha a paisagem escolhida e meu corpo experimentando o que a mesma oferece. A modificação e a movimentação de uma imagem à outra se dá de forma lenta. Busquei, com isso, demonstrar a desaceleração pela qual meu corpo passou e a contaminação que desejo. Além da experiência corpórea, obtive em torno de 63 fotografias que mostram os movimentos de habitação e interação do corpo, com a vestimenta e com a paisagem. Os registros fotográficos da Experiência I – Vestimenta foram enviados para o edital do evento Ruído.Gesto / Ação & Performance, organizado pelos artistas Claudia Paim e Ricardo Ayres e promovido pela FURG. O trabalho foi aceito e compôs a exposição e evento que ocorreu em outubro de 2015. Nos registros fotográficos das experiências e durante o texto busco te levar a uma paisagem que a mim exige muita atenção do corpo inteiro. A pesquisa e as experiências me levaram a perceber a paisagem como alavanca, como espaço do possível, espaço de potência para experiências estéticas, poéticas... A natureza tem o potencial de se tornar paisagem na arte, no convívio poético e no enquadramento. Torna-se espaço e suporte para a vida e a experimentação.

Ainda sobre a paisagem, apresentarei algumas concepções e produções artísticas e poéticas realizadas na paisagem e sobre ela. No texto: *A Invenção da paisagem* de Anne Cauquelin (2007), encontrei concepções sobre a paisagem, sobre a maneira com que a mesma foi idealizada e reproduzida. Desse modo, a paisagem pode ser um ponto de vista ou um recorte da natureza...

porque a moldura corta e recorta, vence sozinha o infinito do mundo natural, faz recuar o excedente, a diversidade. O limite que ela impõe é indispensável à constituição de uma paisagem como tal. Sua lei rege a relação de ponto de vista (singular, infinitesimal) com a “coisa” múltipla e monstruosa” (CAUQUELIN, 2007, p. 137)

(...) a janela, como tudo o que constrói, lembra o esforço de manter o selvagem a distância, o arco que a emoldura, a coluna que designa e corta, uma simples extensão de um muro, que detém a invasão da floresta, a ruína que marca o tempo é signo de que ele pode ser tomado por uma marca: todos esse aparatos são os mesmos que o temor estabeleceu para que a natureza-artifício triunfe, aquela que sabemos poder domar (olhar) (CAUQUELIN, 2007, p. 139).

As citações demonstram o distanciamento entre a natureza e o ser humano, onde este não é natureza, tampouco parte dela, em um olhar que, ora domina-a, ora tem medo de sua dominação. A concepção, a construção e a percepção de uma paisagem ou de qualquer lugar e espaço se dá de forma individual.

Parece, então, que a proposição segundo a qual a noção de paisagem e a sua realidade percebida são justamente uma invenção, um objeto cultural patenteado, cuja função própria é reassegurar permanentemente os quadros da percepção do tempo e do espaço, é, na atualidade, fortemente evocada e preside a todas as tentativas de “repensar” o planeta como eco-sócio-sistema. (CAUQUELIN, P.12)

Sobre a paisagem e seus distintos modos de aparição e concepção, destaco a produção e pesquisa das artistas e orientadoras dessa pesquisa, são elas: Eduarda Gonçalves e Claudia Paim, ambas apresentam a paisagem como parte do trabalho. Sendo que Eduarda fotografa a paisagem sendo mirada, recortada, enquadrada

pelo “cartão de vista mirante” e Claudia fotografa a paisagem junto ao seu corpo como se ambos se complementassem em um “Corpopaisagem”.

A artista Eduarda Gonçalves materializa sua proposta artística fixando fotografias digitais autorais em cartões de visita ou no formato de postais. Em caminhada pela paisagem sulina, a artista fotografa, utilizando como dispositivo de enquadramento um pequeno cartão de visita, com um furo. Assim, ela nos oferece a paisagem enquadrada, observada por uma pequena fenda. A proposta artística foi denominada *Cartão de vista mirante [frestas de arruar] (dispositivo para mirar)*. A artista dispõe de inúmeros trabalhos realizados, utilizando o dispositivo, também dispõe de um escrito denominado *Cartogravista de céus: proposição para compartilhamentos*, o texto, assim como tantos outros, ajudou-me a compreender as suas proposições.

O trabalho de Eduarda é disponibilizado de duas formas: a primeira, o cartão de visita com um furo para olhar, dispositivo de mira; a segunda, em cartões impressos com as fotografias de miras da artista. A proposta da artista é que diversas pessoas utilizem o cartão como um dispositivo de mira, enquadramento para que se tenha uma paisagem, para que na vastidão da natureza se consiga escolher, distinguir e eleger uma paisagem. Com o *cartão de vista mirante*, o expectador acessa um detalhe da paisagem ou pode acessar os cartões das vistas registradas pela artista.

FIGURA: 07. “CARTÃO DE VISTA MIRANTE [FRESTAS DE ARRUAR]”, EDUARDA GONÇALVES 2013.



FONTE: ACERVO DO AUTOR

As paisagens avistadas podem também ser adentradas e experimentadas, com ela construídos saberes. Em minha percepção, somos integrantes da natureza, da paisagem, somos provenientes da terra. Percepções e vivências em torno da paisagem e da natureza são encontradas no Grand Tour (Grande viagem), onde havia prazer em viajar e descobrir lugares e também o objetivo de ganhar novos horizontes físicos e culturais.

O objetivo do Grand Tour de ampliar o conhecimento sobre a história e a arte dos antigos, um hábito aristocrático e altamente em moda, pressupunha a elaboração de um diário de viagem, e, se possível, a ilustração dos monumentos observados. A escrita do diário e a ilustração faziam parte de um ritual metodológico que ia se impondo, cujo ponto alto era a sua publicação, ao retorno do viajante, o que ampliava o conhecimento e despertava o interesse dos leitores para novos projetos de viagem e novos conhecimentos (SALGUEIRO, 2002, p 301)

Os viajantes tinham a intenção de ganhar conhecimento, percebiam o caminho percorrido como uma aprendizagem, além da observação de ruínas e objetos que nitidamente demonstrassem seu tempo. Nesse ponto, observamos a aprendizagem pela terra, não com a ideia de natureza que rege o mundo e toca ao homem, mas uma terra que guarda memórias e conta histórias. Os *grand tourists* buscavam nas edificações, ruínas, na história e nos passados vivenciados junto a determinados espaço ou objeto, no entanto, quando busco a paisagem que me rodeia, não busco somente vivenciá-la como um método de desaceleração corpórea e mental, mas, também, procuro referências de tempos que não vivenciei e espaços que meu corpo não atravessou. Assim como os *grand tourists*, proponho-me a cada viagem que esta tenha um desdobramento poético.

Olhar a paisagem a partir de *A Invenção da Paisagem* fazia com que me sentisse presa as molduras, já com o *Grand Tour* percebi que meus percursos eram fundamentais para vivenciar, conceber e para construir paisagens. Entendendo a **Paisagem a partir das minhas experiências como aquilo que pode circundar meu corpo,**

excedendo a minha capacidade ocular, chegando a todos os sentidos. E não apenas um espaço de terreno que se abrange em um lance de vista. Uma paisagem também é composta de corpos, ao mesmo tempo em que ela possui seu corpo e não está congelada em representações, mas apresentada por inúmeros artistas contemporâneos que se deixam envolver por ela. Assim, vida e arte tornam-se invasoras uma da outra, e, de tal modo, dá-se a simbiose entre elas, alguns artistas buscam por isso, almejam a união dos outros elementos, dos componentes...

A artista Claudia Paim demonstra na imagem e na denominação de seu trabalho, encontrado a seguir, seu interesse na união do *Corpopaisagem*, dando-nos a possibilidade de refletirmos sobre o seu corpo como parte, como elemento constituinte da paisagem ao mesmo tempo atentando à constituição de uma paisagem que também possui corpo. A artista Claudia Paim se utiliza da caminhada como método de reconhecimento e de interação com a paisagem. Na série *Corpopaisagem*, encontramos registros fotográficos digitais de um corpo que se torna paisagem por conviver, integrar-se e confundir-se a ela. Uma simbiose entre natureza humana e natureza espacial. Imersão na natureza e paisagem, união de naturezas que passaram a ser tão distintas e distantes. A integração e a vivência de corpo e paisagem tornam-se arte.

No trabalho de Paim, vê-se um corpo cercado e areia e pedaços enferrujados do que supomos ser um navio naufragado. Vemos o corpo da artista experimentando a paisagem, um corpo que naufraga junto ao navio que a circunda, permitindo-se ali ficar somente a sentir o tempo passar e sentindo o tempo passado. A artista se utiliza da fotografia como registro de parte dessa experiência. Esse registro é feito no espaço onde a artista se posicionou para ter tal experiência. O observador tem a visão do todo, que envolve corpo e a paisagem que o rodeia.

FIGURA: 08. “CORPOPAISAGEM”, CLAUDIA PAIM, 2013.



FONTE: ACERVO DO AUTOR

Além das fotografias como registro das ações na paisagem, a artista também nos presenteia com trechos escritos em 2011 durante alguns de seus percursos, são eles:

“Meus pensamentos são pequenos
pássaros brancos que se movem
na areia. Meio-dia.
Meu combustível é o vento
brisa leve ou ventania...
sonho castelos de espuma, mundos de água,
terras de ar.
Encharco meus olhos de paisagens.”
(...)
“... Transbordo pelos olhos
e suavemente encharco,
de mim, a paisagem.
Não há eu nem mundo:
sou eumundo” (PAIM, 2011).

Fazer uma experiência em meio a paisagem é como ter corpos distintos fazendo uma coreografia, mesclas e sobreposições de corpos e volumes, interagindo por intermédio da espontaneidade, da natureza não domesticada existente em ambos, estando em meio a paisagem para encontro e busca por um espaço na topografia, no relevo do mundo.

4. Experiência II - Vestimenta

{Paisagem/Corpo}

FIGURA: 09. “EXPERIÊNCIA II - VESTIMENTA” FLÁVIA LEITE, 2015.



ACERVO DO AUTOR

Abrigar-me, corpo;
Abrigar-me vulnerabilidade;
Abrigar-me frágil;
Abrigando-me forte...

Na *Experiência II – Vestimenta*, dediquei-me a adentrar, interagir e experimentar o interior do objeto e o de meu corpo. Durante essa experiência, minha reflexão estava voltada às questões que envolviam a paisagem e o corpo. Na *Experiência I - Vestimenta*, minha atenção estava direcionada a ocupação e experimentação da paisagem, percebendo-me como parte dela. Na *Experiência II – Vestimenta*, percebo mais clara minha vontade de interação com o vento, com elementos do espaço, na busca por sensações corpóreas e por dar volume a vestimenta em busca de formas escultóricas e orgânicas.

Procurei experimentar somente o interior da vestimenta, de forma a me desligar dos eventos externos a mim e a ela. As *Experiências I e II* se complementam e dão continuidade uma a outra, ambas com o caráter de experimentação da vestimenta na paisagem escolhida. A vestimenta revelou outras formas de perceber e compreender novas sensações e aprendizados por meio dos saberes do corpo. O registro da *Experiência II – Vestimenta*, foi apresentado como um *flip book*, a fim de que por meio do movimento das folhas tenha-se a ilusão de movimento, a sequência de fotos da experimentação foi selecionada e apresentada na Semana Acadêmica do Curso de Artes Visuais – FURG, 2015. Arrumando as imagens para a exposição da Semana Acadêmica, observei que, no início das imagens, detectamos 3 peles que parecem integrarem-se, oscilando entre três ou menos peles/corpos que interagem e não percebem barreiras. Corpos que interatuam, invadem, entremeiam-se, penetram-se, são três (corpo, vestimenta e a paisagem) que se tornam dois ou até um só. Meu corpo durante a experiência sentiu-se interagindo com os elementos, como se corpo, vestimenta e paisagem fossem integrando...

(Lembrei-me do prof. Jucemar que tanto falava do “imenso outro” que consiste em tudo que não sou eu...) senti como se fosse um imenso eu, como se todos os elementos me compusessem e me tornassem mais viva, vivificante naquele momento.

Durante os trabalhos, coloquei meu corpo com consciência em movimento e à disposição para experimentações. Decidi por percorrer, buscando poesia, buscando novas experiências e crescimento. Quem percorre vive, não se desloca de um ponto ao outro, entende que melhor que chegada ou partida é a trajetória realizada intensamente pelo corpo em caminhadas, move-se para ativar o sensível, para despertar e perceber a potência poética existente no percurso, no espaço, no interior. Nos percursos realizados por mim ou por outros artistas, percebi o quanto as percepções, as sensações eram importantes, assim como a presentificação naquele espaço e tempo. O corpo então torna-se ativo e parte da construção, execução, experimentação... enfim, é parte integrante de alguns trabalhos artísticos.

Esse corpo ativo artisticamente transita em terrenos onde a arte e a vida habitam conjuntamente, fazendo do prosaico a poesia. Prosa e poesia vestem nosso mundo e a consciência de suas existências servem para que possamos mudar e decidir nosso modo de ver e agir frente ao mundo. As diferenças também servem para que as reconheçamos e saibamos distingui-las e nos posicionarmos na ótica do reconhecimento por oposição, onde sabemos se um copo está cheio, se o conhecemos vazio, o conhecimento baseado na dualidade. Desse mesmo modo o corpo foi inicialmente concebido, sempre contrapondo elementos, por muito tempo nosso corpo foi partido e ainda há respingos disso em nossa sociedade contemporânea, Viviane Matesco (2009) escreve: “O pensamento ocidental é construído mediante dualidades como corpo e alma, Eros e Tânatos, matéria e espírito, aparência e essência corpo e mente, sensível e inteligível, categorias criadas pelo homem que informaram e geraram as concepções de corpo, imagem e representação no Ocidente.” (MATESCO, 2009 P.09)

Entre a dualidade e a complementaridade, desembocamos em considerações sobre nossa condição inicial, a de homo, que Morin afirma ser *sapiens* e *demens*, pois no mundo somos ambos e não a dicotomia entre eles; somos razão e desrazão, somos felicidade e infelicidade.

A idéia de se poder definir o gênero *homo* atribuiu-lhe a qualidade de *sapiens*, ou seja, de um ser racional e sábio, é sem dúvida uma idéia pouco racional e sábia. Ser *Homo* implica ser igualmente *demens*: em manifestar uma afetividade extrema, convulsiva, com paixões, cóleras, gritos, mudanças brutais de humor; em carregar consigo **uma fonte permanente de delírio; em crer na virtude do sacrifício sanguinolento, e dar corpo, existência e poder a mitos e deuses de sua imaginação.** (MORIN, 1998. p.7)

Então, por vezes, penso viver na corda bamba, em um limbo, onde há momentos em que pendemos para um lado e outros para o outro. Ao mesmo tempo em que caminhamos sobre essas emoções, possuímo-las todas em nosso interior. Parecem estar elas então por toda parte, dentro e fora de nós, pairando junto ao oxigênio, enchendo nossos corpos, oxigenando nossa existência. Esta com dualidades e complementaridade, com sua fonte de delírio, parece se movimentar como as nuvens ao passar por Rio Grande.

Nos últimos tempos as nuvens têm se movimentado rapidamente. A velocidade dos acontecimentos igualmente as nuvens, a vida tem se mostrado fugaz. O tempo, invenção humana, já relativizada, está ao nosso modo, a nossa velocidade. As nuvens compõem, decompõem-se, aparecem e desaparecem, somem no céu.

Seguindo as reflexões sobre as dualidades, porque somos seres compostos de muitos fragmentos e múltiplos posicionamentos e possibilidades, encontro em Francisco Duarte Jr. uma maior atenção a algumas palavras que por vezes usamos de forma equivocada. Percebo que as dualidades são divergências que se

encontram tão próximas que podem confundir-nos quando as tratamos de forma superficial, é o caso de: inteligível e sensível e conhecer e saber.

O inteligível consiste em todo aquele conhecimento capaz de ser articulado abstratamente por nosso cérebro através de signos eminentemente lógicos e racionais, como as palavras, os números e os símbolos da química, por exemplo; e o sensível dizendo respeito à sabedoria detida pelo corpo humano e manifesta em situações as mais variadas, (...) Conhecer, então é coisa apenas mental, intelectual, ao passo que saber reside também na carne, no organismo em sua totalidade, numa união de corpo e mente. Neste sentido, manifesta-se o parentesco consanguíneo do saber com o sabor: saber implica em saborear elementos do mundo e incorporá-los a nós (ou seja, trazê-los ao corpo, para que dele passem a fazer parte.) (Duarte Jr. Saber Sensível P.127)

O saber do corpo torna-se indispensável e indissociável da prática e poética artística, meu corpo articula-se, materializando ideias, proposições, ações... a arte pode então manifestar-se nesse entremeio, nesse espaço e tempo onde inicialmente só cabe o artista em si, por inteiro. No contexto da arte dos anos 1960 e 1970, o corpo estava em evidência em algumas produções, buscou-se uma experiência física, estética, poética e cotidiana, uma integração de arte e vida. Encontramos em Maurice Merleau-Ponty, no livro *Fenomenologia da percepção*, a ideia de um corpo que é composto de tudo, composto do mundo e parte dele, "(...) ao corpo não mais como objeto do mundo, mas como meio de nossa comunicação com ele, ao mundo não mais como soma de objetos determinados, mas como horizonte latente de nossa experiência, presente sem cessar, ele também, antes de todo pensamento determinante." (Ponty, 2011, p.136/137)

Nesse momento da história, o corpo entra em evidência na arte, assim como a arte que passa a ser processual, relacional. Quando a mesma se torna vivencial, aproximasse tanto da vida cotidiana que ambas se

confundem. No livro *Arte Contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias*; organizado por Ricardo Basbaum, encontramos as seguintes reflexões:

No Brasil, o caminho para as vivências foi aberto com trabalhos de artistas como Hélio Oiticica e Lygia Clark. Estes estabeleceram um relacionamento mais complexo do observador com a obra. Com os Bichos, de Lygia Clark, o observador estava prestes a se tornar participante. Os Parangolés, os Penetráveis, os Ninhos, os Labirintos e os Barracões de Hélio é que propriamente dão início às vivências. (BASBAUM, 2001, P.101/102, 2001)

O período artístico e alguns trabalhos realizados e propostos nele tratam de mudanças de percepções para os artistas, para a arte e para uma sociedade que pouco a pouco reconhecia as potências habitantes na arte e na vida. Os trabalhos que mostram o corpo humano como parte de uma arte talvez tenham sido uma das portas para que os indivíduos se reconhecessem e se cogitassem naquele espaço e experiência.

O corpo é o sujeito e o objeto concomitantemente (olha e se olha, toca e se toca). Ponty toma a experiência corporal como originária. As experiências de Lygia Clark com o sensível, junto às “vivências” das estruturas de Hélio, abriram o espaço para que Barrio pensasse as situações de vida como repotencialização de uma arte agonizante. (BASBAUM, 2001P. 102)

Sobre Arthur Barrio, no texto de Sheila Cabo em *Barrio: a morte da arte como totalidade*, encontramos o seguinte fragmento que trata dos escopos do artista: “Procurando nas situações da vida, ou nos fragmentos de ação no mundo, a libido necessária à continuidade da arte e assim do próprio homem, Barrio desenvolve a relação arte/vida no sentido da recuperação da vida e repontencialização da arte.” (BASBAUM, 2001, P. 99)

A arte de Arthur Barrio funde a sua vida, seu cotidiano, suas paisagens, no registro fotográfico realizado pelo artista e escolhido para compor reflexões sobre arte/vida e o corpo, identificando neste possíveis articulações do

cotidiano com a arte. Na imagem a seguir, o artista nos apresenta a paisagem enquadrada pela câmera e seu olhar, mas quando ele coloca as imagens com diferentes distâncias, podemos ter a sensação de que nosso corpo se movimenta em busca de uma aproximação com a paisagem mostrada. A paisagem é disposta de forma quase didática, onde o artista escreve ao lado da sequência de imagens os seus movimentos corpóreos naquele determinado espaço. O movimento corpóreo pode nos lembrar das relações de arte e vida, pois o trabalho do artista não é mostrado como um congelamento de dada situação, mas suscita-nos os fluxos do cotidiano, da arte e vida.

“os artistas não fazem obras, mas propõem atos, gestos, ações coletivas. Movimentam-se no plano do “agir”, no sentido de assumir o experimental. Como queria Hélio Oiticica, para quem “criar não é tarefa do artista”. **Sua tarefa é a de mudar o valor das coisas”.** (BASBAUM, 2001, P.106/107)

Os atos, gestos e ações de Barrio demonstram o entrecruzamento que o artista faz entre seu cotidiano, contexto e sua arte. Se a arte e a vida fossem instâncias rompidas, suponho que seria muito difícil cruzar de uma a outra. Porém se as aproximarmos, penso que os acessos se avizinhariam tanto que confundiríamos a porta de entrada de uma e a de saída de outra. As relações de proximidade de arte e vida são por mim detectadas em movimentos e escolhas tênues, como perceber e conceber uma paisagem e fazê-la parte de uma poética artística, assim como perceber que primeiramente as roupas servem para nos cobrir e proteger das intempéries, mas que em dadas situações as roupas tornam-se vestimentas e interfaces de relação com a paisagem, com meu corpo.

FIGURA: 10. ARTUR BARRIO "UMA OBSERVAÇÃO, 6 APROXIMAÇÕES, 1 RECUO " 1975



FONTE: [HTTP://WWW.GALERIAMILLAN.COM.BR](http://www.galeriamillan.com.br)

A sequencialidade de imagens escolhidas por Barrio tornou-se referência em meu trabalho na medida em que a escolha por mostrar a sucessão de ações dá-nos a ideia de um corpo que se movimenta em dado tempo, a montagem dessas imagens demonstra-nos se esse tempo foi acelerado ou lento e pausado. Nas *Experiências I, II e III – Vestimenta*, busquei por meio da sequência de imagens alinhadas apresentar minha relação de vagarosidade e busca das relações e interações com a paisagem e com a vestimenta.

5. Experiência III - Vestimenta

{Paisagem/Corpo/Vestimenta}

FIGURA: 12. “EXPERIÊNCIA III - VESTIMENTA” FLÁVIA LEITE, 2016.



ACERVO DO AUTOR

A *experiência III – Vestimenta* teve seu início com uma caminhada pela Ilha dos Marinheiros, localizada em Rio Grande/RS, a qual possui uma geografia pouco comum, pois a mesma possui um lago em seu centro. Assim como nas outras experiências aqui citadas, todas ocorreram em espaços de limites entre água e terra, no caso da *Experiência I e II – Vestimenta*, realizou-se na beira do mar no Cassino/RS, e, na *Experiência III – Vestimenta*, ocorreu frente ao lago da Ilha dos Marinheiros, que se localiza na Laguna dos Patos/RS. Ao chegar e escolher determinado espaço e vista, a câmera foi posicionada de modo a apreender os registros experiência e das movimentações. Essa Experiência é complementar às anteriores, mas também o ponto de produção no qual em uma somatória se chegou à união da paisagem/corpo/vestimenta/habitação. Em um movimento de reconhecimento, valorização e experimentação desses elementos, busquei apresentar os elementos antes citados, as relações possíveis e suas dependências, pois minha pesquisa inicialmente tratava da paisagem e possíveis percursos em busca de experiências. Posteriormente, detectei que para a vivência da paisagem deveria estar de corpo plenamente presente e atento e que durante meus percursos em meio à paisagem poderia haver a necessidade de uma vestimenta adequada para que ocorresse uma ativação do lugar por meio de minha habitação.

Nessa série de imagens da *Experiência III - Vestimenta*, destaco o movimento de **imersão** e **emersão** do interior da vestimenta, **habitação** da vestimenta e do lugar, detecto que em cada uma das experiências tiveram ações, que interligaram o corpo, a vestimenta e a paisagem. “Na *Experiência I – Vestimenta*”, a principal ação foi na busca pela **imersão** no corpo da paisagem, no corpo da vestimenta e atenção ao interior de meu corpo; na “*Experiência II – Vestimenta*”, destaco a **interação** entre os corpos, descobrimento dos movimentos e espacialidades. Durante a “*Experiência I, II e III – Vestimenta*”, fui surpreendida pela potencialização de sensações

ocasionadas pela utilização da vestimenta sobre meu corpo, posteriormente, maravilhei-me quando me deparei com o material fotográfico produzido e o tamanho e potência de sua qualidade imagética e poética.

Destaco que mesmo que a vestimenta seja um objeto de bastante importância nesse processo, ela não é somente um objeto de pesquisa, mas fragmento de uma que busca experiências, vivências poéticas, ativação da percepção e do lugar, potência poética na vida. Portanto, são de grande valia todas as ocorrências, experiências e aprendizados que cruzarem caminho, porque reconheço que muito se deixa de ver no mundo quando ficamos nele parados.

A vestimenta foi o invólucro para o corpo que traçou percursos em meio à paisagem. Abrigo, casca e membrana, que entra em contato com o corpo e com a natureza por ser segunda e terceira pele, ou seja, roupa e casa, possibilitando-me, assim, a habitação da vestimenta e do lugar escolhido. Segundo Hundertwasser, a casa deve carregar características de seu dono, de modo a facilitar o convívio do corpo humano com o corpo da casa. Uma casa com as minhas características e desejos seria uma tenda, uma construção com panos, flexível, algo semelhante a uma roupa, confortável. Nesse ponto também repenso o termo casa, considerando mais adequado e substituindo por vivenda, que é o local onde se vive. Segundo minha concepção, morar é algo mais físico, enquanto viver envolve muitos fatores, acontecimentos, relações, vivências e experiências.

Então, a vestimenta que transita entre roupa e vivenda pode ser um meio para ocupar e habitar um lugar, considerando e reconhecendo a experiência de montar um acampamento, quando chegamos em um determinado espaço, logo o tratamos como um lugar, logo montamos nossas barracas, deixando o lugar com nossas características por conter nossos pertences, habitamos este lugar por meio do acampamento. Porém, quando começamos a desmontar e guardar nossos pertences, o ambiente vai retomando suas características anteriores e aos poucos volta a ser um espaço qualquer.

FIGURA: 13. FRAGMENTO DA SÉRIE FOTOGRÁFICA “EXPERIÊNCIA III - VESTIMENTA”



FONTE: ACERVO DO AUTOR.

Desse modo, posso perceber a vestimenta como o objeto que me possibilita e colabora durante essa ocupação e habitação do lugar escolhido. Também percebo na vestimenta, uma possibilidade de alavanca de experimentação e vivificação do corpo e do lugar. A cor clara aparece com o intuito de não se distinguir tanto dos elementos que compõem as paisagens escolhidas, pois estas trazem tons arenosos, semelhantes e suaves. As formas assemelham-se a esculturas flexíveis, moldadas pelo vento, aparecem em meio a registros, mas durante a experimentação não imaginava o que resultaria enquanto imagem; procurei dedicar-me às sensações do meu corpo, naquele lugar, naquelas condições, busquei integrar corpo, vestimenta e paisagem.

A “Experiência III – Vestimenta” foi apresentada junto à Vestimenta na *galeria A SALA* do Centro de Artes – UFPel, em exposição durante o Seminário de Pós-graduação Mestrado em Artes Visuais SPMVAV 2016, UFPel. Nessa etapa, busquei mostrar nossa relação, mas também mostrar nossa independência uma da outra. A vestimenta foi pela primeira vez apresentada sem que eu estivesse dentro e sem movimento, estava em momento de pausa, descanso, congelamento. Próximo a vestimenta pendurada estava montada a sequência de imagens da “Experiência III – Vestimenta”, mostrando as possibilidades de uso exploradas por meu corpo. A montagem foi assim idealizada para que ambas se complementassem, mostrando diferentes momentos e usos da vestimenta. Também, quando colocadas lado a lado, faz-se relações de formas e usos. A vestimenta habitando a galeria traz consigo a memória de seu uso. O uso da vestimenta passou a ser repensado, detectei que mais do que usar a vestimenta, ela deve ser habitada, como fazia na infância ao construir e habitar as “bacanas”, onde tudo é pensado para determinadas necessidades, essencialidades, proporções. Da mesma forma, a vestimenta foi idealizada e me exige habitação de todo corpo, da minha espacialidade e de minhas relações com o lugar e com a paisagem sulina. Habitar a vestimenta é ativá-la, assim como ao integrar meu corpo a vestimenta ativamos o lugar e construímos paisagens.

FIGURA: 14. REGISTRO FOTOGRÁFICO DE TÔNI RABELLO DA *EXPERIÊNCIA III – VESTIMENTA*, NA GALERIA A SALA. CA/UFPEL. 2016.



FONTE: ACERVO DO AUTOR

Por vezes, uma vestimenta sem um corpo, sem uso, sem movimento, torna-se oca, fica sem seu principal papel que é integrar-se ao corpo humano. Henri Thoreau em *Walden* escreve: “Toda roupa fora do corpo é patética ou grotesca” (2013, P.37). Em determinadas situações artísticas há a necessidade de uso dos objetos em uma proposição. O artista *Hélio Oiticica*, brasileiro e criador do *Parangolé*, por volta de 1960, dá-nos a ideia de necessidade de movimentação, pois o *Parangolé* ganha sua vida durante seu uso, que pode intensificar a vivacidade de quem o usa, o experimenta, a utilização e o movimento dão vida às coisas. Uma vestimenta sem uso ou sem um devido uso torna-se um objeto qualquer. Alguns objetos dependem de um uso e em determinadas situações de um corpo, porque o objeto torna-se especial, torna-se alavanca de experiências, de vivências na medida em que corresponde ao que a vestimenta o sugere, ao que a mesma o suscita a experimentar.

Nesse momento, evidencia-se a vida e o pulsar dos trabalhos, buscando-se um descongelamento da arte, do espectador, para que este não somente olhe, mas experimente as sensações e possivelmente participe, interagindo fisicamente com proposições artísticas. O artista referindo-se ao *Parangolé* diz que: “é feito de pano, mas cria um espaço, um abrigo. O parangolé então não é só uma capa vestida pelo corpo, mas sim uma “incorporação”, um todo formado por homem e capa” (BRAGA, 2013. P. 54).

FIGURA: 15. ROMERO CAVALCANTI VESTE P32 PARANGOLÉ CAPA 25 EM NOVA YORK



FONTE: REGISTRO DO LIVRO "HÉLIO OITICICA" (COLEÇÃO FOLHA, GRANDES PINTORES BRASILEIROS)

...assim como nos anos 1960 Oiticica libertara a cor da bidimensionalidade do quadro, com os parangolés dos anos 1970 propõe liberar o homem do comportamento condicionado, e a metáfora dessa liberação é o voo. (BRAGA, 2013. P. 80)

A liberação do homem condicionado também pode ocorrer por meio de outro jeito de se vestir e portar-se. O artista Flávio de Carvalho, em 1956, fez o que denominou como *passeata-desfile*, pelo centro de São Paulo, o que se evidencia é a caminhada, passeata, porém esta é potencializada pela roupa denominada *New look* (traje tropical masculino) que o artista criou e utilizou durante o acontecimento. O traje é composto de saia, blusa com mangas bufantes, meia arrastão e sapato. Logo abaixo encontra-se o projeto do traje enquanto objeto e as sensações almejadas durante seu uso. Flávio diz que o *New Look* é para experimentação, uma experiência. Desse modo, rememoro que a vestimenta criada por mim foi idealizada para experimentações, para que fosse utilizada em busca de novas experiências corpóreas e na procura pela concepção de novas paisagens. O artista também identificou que “Roupa é casa e paisagem: além de abrigo, é um elemento constituinte da nossa visualidade cotidiana” (Osório, 2000).

Ainda refletindo sobre o corpo, pensava sobre os corpos que por diversos motivos e modos de criação são tolhidos das experiências mais sensoriais, estas para mim são de grande importância principalmente pelo fato de fazer-me sentir mais viva e ativa, percebendo que meu corpo por inteiro vive e pulsa. Beatriz Ferreira Pires, em *O corpo como suporte da arte*, salienta: “Sabemos que antes de qualquer opinião, estética ou não, o que primeiro nos invade é a sensação, e que a base de todas as sensações é o corpo físico. É através dele que estabelecemos nossas relações com tudo o que é externo a nós, e é através dele que, mesmo inconscientemente, se manifesta tudo o que é interno a nós.” (PIRES, 2005, P. 20). Em meio a esses saberes, relembro um domingo de passeio, que relato fragmento a seguir:

... saímos para almoçar, na mesa ao lado observo um menino que, utilizando uma caneta, desenha sem parar sobre sua pele. Olhando ele, reflito: o corpo é matéria, material, suporte, ferramenta... para trabalhar. É ou deveria ser o elemento que mais aprendemos, conhecemos, exploramos. O corpo tem a potência para sentir, perceber, pulsar, viver...

Para tanto relembro, não tenho um corpo, sou ele.

**Considerações
{Percursos/Corpos/Peles/Vestimenta/
Abrigos/Habitação/paisagens}.**

FIGURA: 18. FLÁVIA ABRIGADA



FONTE: (REGISTRO DE CHRISTIANE LEITE) ACERVO PESSOAL.

ABRIGO

Quando gerados somos abrigados no útero de nossa mãe.

Quando criança, buscamos abrigo nos braços de nossos pais, ou na falta deles escondemos nossa cabeça debaixo do lençol e cobertas, na tentativa de fugir do escuro e de tudo que possa habitá-lo.

Quando criança, inventamos lugares para abrigar-nos. Estes vão desde: debaixo da mesa, dentro do roupeiro...

Buscamos abrigo – segurança, isso é encontrado em um chapéu, urso de pelúcia, enfim, depositamos a confiança de estarmos seguros em objetos.

Eu acreditei que durante meu sono, estar com a mão enfiada no “meu gelado” (travesseiro) me deixaria segura.

O tempo passou e os medos e inseguranças não cessaram e abrigar-me em uma casa é confortável, protege-me das intempéries, protege meu corpo. Mas minhas ideias seguem vulneráveis, seguem vagando no mar de possibilidades que é estar viva; elas saem noite afóra, dia adentro, fogem do meu domínio, da minha segurança e levam-me a lugares...

Como posso abrigar-me fora de minha casa, fora do ambiente doméstico, domesticado?

Como o corpo encontra abrigo em meio a natureza não domesticada? Abrigo físico e mental...

Posso abrigar-me na arte? Abrigar-me em uma poética inventada e vivenciada por mim, para mim?

Em nosso percurso pela vida, depositamos memórias e sentimentos em objetos, confiamos a eles parte do que não vemos, mas sentimos, como se assim passassem a ser matéria ou materializados em algo. Assim fiz para que quando julgasse necessário ou apropriado pudesse acionar, acessar as memórias deixadas nos objetos. Essa noção clareou-se durante as transições, escolhas e construção da vestimenta, pois em um de meus projetos na

vestimenta seriam fixados objetos ou escritos do percurso. Entretanto, em dado momento, dei-me conta que a experiência é algo tão particular e individual que, mesmo com essa ação, eu não conseguiria expressar tudo o que foi experimentado e vivenciado. Na dissertação contei alguns percursos corporais, outros mentais, uns atuais, outros atualizados e outros reservados ao passado.

Dentre estes percursos foi disparador dessa pesquisa o percurso feito entre Barra de Valizas – Cabo Polônio – UY, que teve seu espaço no primeiro capítulo, intitulado “**Percurso na paisagem**”. Onde parto do encontro brilhante do texto de Antoine Saint-Exupery sobre o Saara para dar maiores detalhes das paisagens vivenciadas durante o percurso. Em meio ao deserto de Exupery e a noite de Jean Lancry em “*Sobre como a noite trabalha em estrela e por quê*” que me ajudou a ir em busca das clareiras de minhas inquietações na pesquisa, ao encontro do dia, onde tudo se encontra mais visível e claro. Em meio a isso tudo eu caminhava lembrando Francesco Careri em “Walkscapes”, onde o autor conta-nos sobre o ato tão primitivo e necessário de cruzar territórios caminhando e também sobre a nossa escolha de ainda nos dias de hoje optar pelo percurso lento encontrado em uma caminhada. Nesses percursos identifiquei alavancas poéticas para novos percursos, reflexões, experimentações, proposições, ocupações, construções, habitações... um mundo de possibilidades que poderia se formar entre meu universo particular e as novas paisagens avistadas e experienciadas.

Durante a pesquisa, transitei entre as “bacanas” de minha infância e a construção e experimentação da vestimenta, a fim de criar novas paisagens, mas também em busca de perceber a vestimenta como a intersecção entre a casa e a roupa, como elemento de proteção e abrigo. O artista Hundertwasser e seu conceito das “5 peles” tem me ajudado a refletir sobre nossas composições e afinidades desde o nosso corpo até nossas relações e posicionamentos no mundo. Referente à casa, o artista diz que a mesma deve se assemelhar com seu morador de modo que se tenha uma boa relação. Se a casa deve carregar características de seu dono, de modo a facilitar o convívio do corpo humano com o corpo da casa, uma casa com as minhas características e desejos seria uma

tenda, uma construção com panos, flexível, algo semelhante a uma roupa, confortável. Nesse ponto também repenso o termo casa, substituindo por vivenda, que é o local onde se vive, na minha ideia morar é algo mais físico, enquanto viver envolve muitos fatores, acontecimento, relações, vivências e experiências. Proteger o corpo com a roupa é igualmente importante a protegê-lo em uma casa, abrigo, barraca... Desse modo, quando temos consciência de que ficaremos por um tempo prolongado de um ou de vários dias, tratamos de montar acampamento, de apropriarmos e ressignificarmos um determinado lugar. Referente ao acampar, à habitar, a artista Elaine Tedesco oferece-nos o registro de seu trabalho/objeto construído de pano de modo a rememorar um saco de dormir, com a diferença que este contempla dois corpos, o que nos sugere a busca pelo convívio e compartilhamento do momento, da vivência.

Essas criações artísticas que envolvem nosso corpo com tecidos podem ser nossas capas mágicas, nosso invólucro, nosso calor, nossa cobertura, nossa janela ao infinito criativo, nosso abrigo... As experiências realizadas com a vestimenta demonstram a minha busca por abrigo – acolhimento – resguardo em momentos de pausa nas paisagens amplas e planas que o pampa nos oferece. O percurso e a caminhada foram disparadores muito importantes para que houvesse o reconhecimento e escolha da paisagem, assim como foi relevante para que eu fosse me ambientando, interagindo e integrando a paisagem escolhida. Portanto destaco a complementaridade do movimento, do percurso e da pausa para experimentar a vestimenta em dada paisagem.

O capítulo intitulado “**Experiência I - Vestimenta {Paisagem}**” trata de minha primeira experiência com a vestimenta e também de meu envolvimento com a paisagem do entorno escolhido. A escolha das paisagens onde foram realizadas as experiências deu-se de forma intuitiva, em busca de espaços onde meu corpo se sentisse acolhido e abrigado, durante os percursos busquei respeitar a natureza, interferindo na paisagem de modo a

transforma-la somente durante minha permanência no lugar. Busquei traçar uma relação de reconhecimento e relação sem invasão ou mutação da paisagem. A paisagem é tratada aqui como integrante de minha vida, pesquisa e de minha produção poética e ressignificação do mundo. As experiências realizadas por mim, assim como as peles de Hundertwasser partem do umbigo em direção ao mundo de forma a compor peles, camadas de sobreposição, mas não hierarquizadas, todas complementam-se e interdependem. Dentre estas camadas destaco minha relação com o meio ambiente e com as paisagens sulinas habitadas por toda a vida. Ajudaram-me a compor a paisagem conceitual neste momento Anne Cauquelin em seu livro conta-nos alguns modos construir, de ver e perceber a paisagem ao longo de seu desenrolar, Valéria Salgueiro que em seu artigo sobre o “Grand-Tour” relata como se sucederam as primeiras viagens feitas a pé ou em lombos de mulas. Também compõem e orientam esta pesquisa as artistas Eduarda Gonçalves e Claudia Paim, ambas trabalhando com paisagem, mas com percepções e experimentações distintas, pois Claudia estabelece um envolvimento entre corpo e a paisagem.

O meu envolvimento inicial com a paisagem ao longo das experiências envolveu meu corpo, de início como algo a testar, depois como algo a compor e a se mostrar nos registros. Desse modo, passamos a **“Experiência II - Vestimenta {Paisagem/Corpo}”**, essa experiência conecta mais claramente paisagem e corpo, embora meu corpo não seja visto descoberto, desprotegido da vestimenta, ele ali se encontrava por inteiro, dedicado a todas as sensações e vivências daquele momento e paisagem. Durante a experiência, movimenteimei-me vagarosamente, o que proporcionou que nos registros se observe formas criadas pelo meu corpo, pela vestimenta e pelo vento, um envolvimento de corpo mais evidente que se desdobra em busca de teóricos como:

Viviane Matesco, que proporcionou a essa pesquisa fragmentos da história e tratamentos, cuidados e relacionamentos com o corpo. Morin, revelando-nos que além de *homo sapiens* habita igualmente em nós o *homo demens*, como uma força instintiva, algo que explode de nossas entranhas. Duarte Jr., que relaciona em seu texto “Sentido dos Sentidos”, do saber com o sabor, de modo que só tem o saber quem já saboreou dada situação, trata-

se de uma aprendizagem pelo corpo. Merleu-Ponty, que revela a possível simbiose de corpo e mundo, de uma experiência corporal com originária. Ricardo Basbaum, autor que trata no texto escolhido de produções artísticas de brasileiros envolvidos com experiências em seu contexto, em seu corpo, em seu entorno, como é o caso de Arthur Barrio. Que em sua obra escolhida e que compõe minha dissertação, apresenta-nos uma série fotográfica em que não vemos o corpo do artista, mas a movimentação de câmera nos dá certeza de sua presença.

As questões voltadas ao corpo foram descortinando-se durante percursos e pausas na paisagem, onde fui atentando às sensações e aos acontecimentos sobre minha pele e meu corpo como um todo, sobre a importância de relembrar experiências infantis com o corpo e também as tornar parte integrante e disparadora das novas e atuais experiências. Com isso, destaco minha busca e atenção aos saberes adquiridos e construídos por meio do corpo. Durante as experiências também atentei às sensações do vento e areia sobre minha pele, estes elementos também me ajudaram a compor as formas escultóricas encontradas nas fotografias das experiências. As relações com o vento estão presentes nas imagens e nas experiências, assim como já estavam presentes desde o trabalho intitulado “Invento”, realizado em 2013.

O vento da beira da praia uruguaia no verão de 2015 foi também o que me fez cogitar e criar uma vestimenta para cobrir minha primeira pele durante percursos. O capítulo intitulado “**Experiência III - Vestimenta {Paisagem/Corpo/Vestimenta}**” foi o lugar onde tratei da “Experiência III - Vestimenta”, que demonstra o fechamento de um ciclo de experimentação com a vestimenta, também demonstra nossa independência, pois mesmo que a vestimenta tenha grande importância nas interações e experimentações realizadas em meio a paisagem e com meu corpo, ela mostrou-me que esses elementos interligados podem gerar muitas experiências, mas que só a vestimenta mesmo que potente não se sustenta, precisa de um corpo para torná-la viva. Desse mesmo modo, o Parangolé de Hélio Oiticica precisa de um voo, uma dança, de um corpo em movimento e o New Look de Flávio de Carvalho precisou de seu corpo para desfilar sua proposta tropical. Portanto, percebo na

vestimenta a potência de interface e estabelecimento de relação com o contexto. A paisagem registrada e criada por mim com a vestimenta é única, bem como minha experiência em dado momento. A experiência com a paisagem e com o corpo é algo bem relevante nessa pesquisa, por isso Jorge Larossa no trecho a seguir ajuda-me a refletir sobre a experiência e também sobre lugares, seres e posicionamentos envolvidos nesta.

“A vida, como a experiência, é relação: com o mundo, com a linguagem, com o pensamento, com os outros, com nós mesmos, com o que se diz e o que se pensa, com o que dizemos e o que pensamos, com o que somos e o que fazemos, com o que já estamos deixando de ser.” LARROSA, 2016, p. 74

As experiências apresentadas nessa dissertação foram fotografadas, desse modo, detecto que além do registro como meio de assegurar a legitimidade de uma ação artística, emprego a ação de estar presente em determinado lugar e paisagem, com determinado posicionamento corpóreo e comportamental e utilizando determinada vestimenta que foi idealizada e construída para determinados percursos na paisagem escolhida. A importância do percurso foi também colocada na apresentação sequencial das imagens, de modo que o olho do expectador percorra a paisagem e a experiência fotografada.

Almejo novos percursos, caminhadas em meio à paisagem a fim de, primeiramente, conhecê-la para elucubrar acontecimentos, experimentos, experiências... traçando assim relações e aprendizados do corpo na paisagem sulina por meio de movimentos e de pausas. Para desdobrar e continuar a pesquisa serão mais estudados e evidenciados o autor **Martin Heidegger** e suas reflexões sobre “Construir habitar pensar”, pois, em rápidas e recentes leituras, o autor esclareceu e possibilitou-me refletir principalmente sobre a habitação de determinado espaço. A colaboração do artista **Elcio Rossini** dá-se na investigação sobre a fisicalidade e nas formas esculturais criadas por objetos de tecido. Ele é autor de “Os Infláveis” que integram a série “Objetos para

ação”, objetos criados para relação e movimentação com o corpo. Também com questões voltadas ao corpo, a artista **Claudia Zanatta** demonstra sua dedicação à arte, cidade, campo, as poéticas da participação e que integra um projeto na linha de “Arte pública participativa: articulação entre poética e cidadania”... Desse modo, dou vagarosa continuidade e direcionamento à pesquisa apresentada nessa dissertação, partindo de conceitos com Heidegger, questões formais com Elcio e questões de participação, visto que minhas experiências foram primordialmente solitárias.

Seguirei dando passos em meio à paisagem, na intenção de ter novas experiências e conhecimentos por meio do corpo que cruza os territórios do sul do Rio Grande do Sul, que anda em busca de paisagens planas abarrotadas de vida, de natureza, um amplo território para investigações e experimentações, repleto de possibilidades. Nos percursos, as paisagens vão se formando, ativando, assim, possibilitando uma posterior veiculação e propagação de conhecimentos e de imagens, das paisagens próprias da região do extremo sul. Uma paisagem que habita meu contexto e que por meio de registros pode adentrar o contexto de outros indivíduos, um inicial e primeiro compartilhamento de experiências.

A principal intensão é a integração de aprendizados, experimentos e vivências do corpo em contextos de amplas paisagens sulinas avistadas desde a infância, atualmente, vou em busca de simbioses de arte e vida, de criações e experiências que atravessam o corpo.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. **Poética do espaço**. 2^aed. São Paulo-SP: Martins Fontes, 2008

BASBAUM, Ricardo. **Arte Contemporânea brasileira: texturas, dicções, ficções, estratégias**. Ricardo Basbaum (org.) – Rio de Janeiro: Rios Ambiciosos, 2001

BAREMBLITT, Gregorio. **Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática** 5^aed. Belo Horizonte, MG: Record, 2002

BRAGA, Paula. Hélio Oiticica / Paula Braga. **Hélio Oiticica** – 1. Ed. – São Paulo : Folha de São Paulo : Instituto Itaú Cultural, 2013

CAUQUELIN, Anne. **A Invenção da paisagem**. Tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2007.

CARERI, Francesco. **Walkscapes**. Barcelona: Gustavo Gili, AS, 2002

COSTA, Cacilda, **Roupa de artista- o vestuário na obra de arte**. São Paulo, EDUSP, 2009

DARDEL, Eric. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Tradução Werther Holzer. São Paulo, SP, Perspectiva, 2011.

DUARTE JR. João Francisco. **O Sentido dos Sentidos: A educação (do) Sensível**. Curitiba – PR: Criar, 2004

GATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas - SP: Papirus, 1990

LANCRI, Jean. **Sobre como a noite trabalha em estrela por quê**. Mimeo (texto fornecido pela professora Angela Raffin Pohlmann na disciplina de metodologia da pesquisa na UFPel em 2015)

LAROSSA. Jorge. **Tremores**. Belo Horizonte – MG: Autêntica, 2014

MATESCO, Viviane. **Corpo, imagem e representação**. Rio de Janeiro - RJ: Jorge Zahar, 2009

MERLEAU-PONTY . Maurice- **Fenomenologia da Percepção**. 4ªEd. – São Paulo - SP: Ed. Martins Fontes, 2011

MORIN, Edgar,1921– **Amor, Poesia, Sabedoria**. Rio de Janeiro- RJ : Bertrand Brasil,1998

OSÓRIO, Luiz. **Espaços da arte brasileira / Flávio de Carvalho /**São Paulo –SP: Cosac & Naify 2000

PAIM, Claudia. **Táticas de artistas na América Latina: coletivos, iniciativas coletivas e espaços autogestionados**. Porto Alegre - RS: Panorama Crítico, 2012

PIRES, Beatriz Ferreira. **O corpo como suporte da arte**. São Paulo - SP Senac. 2005

RESTANY, Pierre. **O Poder da Arte / Hundertwasser / O pintor das cinco peles**. Köln: Taschen, 2003

REY, Sandra. **Por uma abordagem metodológica de pesquisa em artes visuais**. In: **BRITES, B. O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em artes visuais**. Porto Alegre - RS: UFGRS, 2002

THOREAU, Henry David, 1817-1862. **Walden**. Tradução Denise Bottman. Porto Alegre - RS: L&PM, 2013

Site:**BARRIO, Artur**

http://www.galeriamillan.com.br/pt-BR/ver-obras/busca?artista_id=3&commit=ok&disponivel=&page=2&suporte=&utf8=%E2%9C%93

CALCANHOTTO, Adriana

<http://letras.mus.br/adriana-calcanhotto/43856/> Acessado em 08/abr/2015

GONÇALVES, Eduarda. Cartogravistas de céus: proposições para compartilhamento. Tese de Doutorado/ Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul), 2011. Disponível em <<http://hdl.handle.net/10183/31432>>. Acessado em 08/jan/2014.

HEIDEGGER , Martin

www.proureb.fau.ufrj.br/jkos/p2/heidegger_construir,%20habitar,%20pensar.pdf

ITAU CULTURAL

<http://www.itaucultural.org.br>

SALGUEIRO, Valéria

<http://www.scielo.br/pdf/rbh/v22n44/14001.pdf>

TEDESCO, Elaine

<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/4106/000347570.pdf?sequence=1>